

Um retrato das comunidades indígenas do Chaco paraguaio¹

Leonardo Rodrigues MARTINS²

Daniela Mari KURIYAMA³

Diego Francisco de Lima e MENEZES⁴

Manoel NASCIMENTO⁵

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Nossa pesquisa é uma leitura das comunidades indígenas que vivem na região do *Gran Chaco Central*, distrito de *Filadelfia*, Paraguai. O objetivo do trabalho é suscitar, por meio de um fotodocumentário, novas discussões acerca dos conflitos identitários dos indígenas e compreender em que medida essa integração entre as sociedades contribui para uma crise de identidade dos indígenas e diluição de suas tradições. Partindo do pressuposto de que as comunidades indígenas devem ter total autonomia para decidir como conduzir essa questão, nossa proposta não é encontrar uma solução para o problema, mas fazer voltar os olhos da sociedade para a causa indígena. Para a realização do livro-reportagem fotojornalística, fez-se imprescindível compreender a relação entre os colonizadores menonitas, as guerras envolvendo o *Chaco*, as fábricas instaladas na região, e as comunidades indígenas locais.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; indígena; Paraguai; *Chaco*; fotojornalismo.

1. INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa é uma leitura das comunidades indígenas que vivem na região do *Gran Chaco Central*, mais especificamente, no distrito de *Filadelfia* - localizada no Departamento de *Boquerón*, no noroeste do Paraguai.

O conhecimento adquirido na etapa teórica do projeto serviu como base para o tempo prático: coleta de imagens, por meio de um ensaio fotográfico, e de informações, por meio de conversas informais com a população local. O material recolhido nessa viagem, ocorrida entre os dias 8 e 18 de agosto de 2011, passou por análise, seleção e edição – trabalho que resultou na peça jornalística final, um livro reportagem-fotojornalística.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Ensaio fotográfico.

² Líder do grupo e formado em Jornalismo, email: leorrx@hotmail.com.

³ Formada em Jornalismo, email: d.m.kuriyama@gmail.com.

⁴ Formado em Jornalismo, email: diegomenezes89@yahoo.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: manoel@mackenzie.br.

2. OBJETIVO

O objetivo do trabalho é suscitar, por meio de um fotodocumentário, novas discussões acerca da identidade dos indígenas, alguns divididos entre sua própria cultura e a cultura do homem branco, outros já completamente incorporados à sociedade daqueles que, um dia, foram seus colonizadores.

3. JUSTIFICATIVA

A escolha do recorte foi motivada pela relação do indígena paraguaio com o trabalho e pela reação dos aborígenes diante da presença da colônia germânica menonita⁶. Durante o período de dez dias da viagem, estivemos em contato direto com as comunidades indígenas e a população local, que carrega fortes traços da colônia germânica gerando forte dicotomia sociocultural.

É preciso chamar ao palco questões como integração do indígena com sociedades modernas, cidadania, cobrança de políticas indígenas e, mais do que isso, a prática dessas políticas. Até que ponto o conhecimento advindo da sociedade tecnológica é benéfico para a conservação da cultura indígena e para a formação de sua identidade étnica? Será que essa integração entre as sociedades não contribuem para uma crise de identidade dos indígenas e diluição de suas tradições? Não caberia às comunidades nativas a decisão de manter sua cultura ou não, de se deixarem ser absorvidos por nossa sociedade ou não?

Isso vem sendo debatido há tempos, mas ainda hoje não se chegou a uma conclusão. Há povos indígenas no Chaco sem moradias, vivendo de forma miserável e carente de assistência por parte do governo. Pensando nisso, é de extrema relevância que o assunto configure na pauta da agenda midiática e cabe a nós, jornalistas, mais uma vez trazer à tona essa discussão.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Tendo em vista que, daqui a alguns anos, as comunidades indígenas terão passado por mais transformações, registrar o agora se faz crucial e, para isso, optamos pela produção fotojornalística. Em termos de registro, tanto a produção fotográfica quanto a produção em vídeo cumprem o papel. No entanto, apenas a primeira tem a capacidade de perenizar um instante. “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete

⁶ Os menonitas são comunidades de denominação cristã que se instalaram no Paraguai por volta de 1926.

mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p. 13).

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem (KOSSOY, 2001, p. 161-162).

Cada integrante utilizou seu próprio equipamento fotográfico para registrar, totalizando: dois modelos *Canon T1i* e um *Canon 7D*; lentes *Canon 18-55 mm*, *28-135 mm*, *50 mm*, *70-250 mm*, *75-300 mm* e uma *Sigma 10-20 mm*.

Algumas das perguntas que nortearam nossa pesquisa foram:

- Até que ponto o conhecimento advindo da sociedade tecnológica é benéfico para a conservação da cultura indígena e para a formação de sua identidade étnica?
- Será que essa integração entre as sociedades não contribui para uma crise de identidade dos indígenas e diluição de suas tradições?
- Não caberia às comunidades nativas a decisão de manter sua cultura ou não, de se deixarem ser absorvidos por nossa sociedade ou não?

Em cada saída de campo que fizemos, tínhamos uma intérprete paraguaia, o que facilitou nosso trabalho. Em cada visita às comunidades indígenas, sempre carregávamos sacos de macarrão e balas, uma maneira que se mostrou eficiente na hora de iniciar o contato com a população local.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Quando retornamos ao Brasil, fomos a diversas livrarias, buscando obras que pudessem nos inspirar, mas já tínhamos em mente um esboço da nossa peça final com algumas alterações na ideia inicial.

Para o título, legenda e texto do livro, optamos por uma fonte neutra, clara e com poucas serifas, como a *Adobe Garamond Pro*, evitando que texto e imagem competissem. Queríamos um tamanho de fonte que não fosse pequeno demais, o que dificultaria a leitura, nem demasiadamente grande e o tamanho 13 se mostrou ideal.

Na capa, duas fotografias divididas pelo título do livro que ficaria no meio. Para que tivéssemos o máximo de aproveitamento das páginas e melhor visualização das fotografias, decidimos que algumas imagens verticais ocupariam uma página inteira e outras horizontais, duas páginas; nossa obra teria duas seções.

A primeira seção, “Vida”, prima por aproximar o leitor do cotidiano das comunidades expondo os problemas decorrentes e a “homogeneização cultural, onde o jovem perde cada vez mais a ligação com a sua cultura, [...] e se liga a uma cultura globalizada” (PACHECO, 2010, *online*), algo cada vez mais evidente entre a juventude indígena. A segunda seção, “Trabalho”, explora a questão trabalhista, dispõe sobre a quebra de vínculo do indígena com as formas primitivas de sobrevivência e sua inserção no mercado de trabalho da sociedade industrial.

Antes de começarmos a diagramação do livro, as cerca de 1.200 imagens coletadas passaram por um processo de seleção. O primeiro critério utilizado para eliminação foi erros técnicos: fotografias com erros de foco, enquadramento e fotometria foram descartadas. Então fizemos uma nova peneira, não pensando em selecionar as melhores, mas em excluir imagens repetidas, variando apenas o ângulo em que o objeto foi retratado; ou que não caberiam ao trabalho por algum motivo, que deveria ser exposto ao grupo.

A fase de edição das imagens foi crucial para ressaltar pontos específicos do assunto retratado, como olhos e textura da pele, e elevar nossa peça a outro nível de qualidade. Nessa etapa da produção, obras como “Trabalhadores” e “O fim da pólio”, de Sebastião Salgado; “Caçador de imagens”, de B.J. Duarte; e “Aurelio Becherini”, título que carrega o nome do autor, foram essenciais e nos serviram de inspiração.

Decidimos que seria um livro no formato 30x24 cm (altura x largura) e, com o intuito de proteger as imagens, que ocupariam o lado direito, o esquerdo seria inteiro branco, contendo apenas uma pequena legenda na parte inferior, referindo-se à imagem da direita. No caso das páginas duplas, para que o texto referente à imagem não viesse a distrair o olhar do leitor, preferimos não colocar legenda.

Nas primeiras páginas, um texto introduzindo o tema e fazendo breve apresentação do que o leitor encontraria nas páginas seguintes. No início de cada seção, além do título em tamanho 100 e uma fotografia vertical no lado esquerdo da página, haveria, no lado direito, texto de duas a três laudas com nossas impressões e críticas a respeito da temática referente à seção.

A produção foi acompanhada, além do nosso orientador Manoel Nascimento, por diversos fotógrafos e jornalistas, que fizeram importantes contribuições para o aprimoramento das partes técnica fotográfica e textual.

Nesse projeto, procuramos fomentar a discussão acerca dos conflitos identitários que permeiam as comunidades indígenas do *Chaco* paraguaio. A obra “Olhares do Chaco: vida e trabalho na região árida do Paraguai”, resultado de nossos questionamentos, tem por finalidade tocar o leitor de tal forma que o leve a pensar sobre a interferência da sociedade moderna na cultura, no modo de vida dos indígenas, não apenas da região chaquenha do Paraguai, mas de todas as partes do mundo.

6. CONSIDERAÇÕES

Ao término de nosso projeto, tivemos a oportunidade de não apenas traçar um perfil dos indígenas chaquenhos, como também de polarizar as características que distinguem uma comunidade da outra. Durante oito dias, observamos aspectos culturais e sociais, os locais onde trabalham, como vivem e como dividem seu espaço com os descendentes de alemães que atualmente formam a população da cidade. Como fomos os primeiros brasileiros a entrar nas aldeias, o choque entre as características físicas e convicções sobre quem estava diante de nossos olhos foi evidente para ambos os lados. Povos que há mais de 400 anos deixaram de migrar para instalarem-se naquela região desértica mostraram-nos que estão em pleno processo de civilidade e participam ativamente do motor econômico e social do distrito de *Filadelfia*.

A definição que pode ser dada ao atual estado de moradia e saneamento aos índios desta região é calamitosa, contrariando toda a relação que eles mantêm com a asseada colônia menonita. Não há banheiros em todas as moradias, grande parte das crianças sequer tem carteira de vacinação ou de identidade, além de terem os dentes em mal estado de conservação, situação agravada pela mudança da alimentação que passou a ser composta por, não somente o que seus ancestrais e familiares coletam, mas também por alimentos industrializados comprados em mercados. Não obstante, a presença de animais domésticos doentes é vasta, e o contato dos mesmos com crianças e idosos é constante.

Os empregos destinados para os indígenas nas plantas industriais da região são ligados a trabalhos braçais e em geral repetitivos. Os chefes e donos das empresas de exportação de amendoim, produção de ração de gado, cooperativas com frigoríficos e mercados, além de madeireiras mais afastadas da cidade, empregam indígenas de diversas

etnias para realizarem os trabalhos mais árduos, com margens de lucro baixas para os nativos, e altas para as companhias. De certa forma, presenciemos uma situação, em suas devidas proporções, a mesma relação colono-colonizado que ocorria há cerca de 500 anos no Brasil e em outras partes do mundo. Os nativos praticando a extração desenfreada de madeira de lei, para venderem a carvoarias, onde outros indígenas trabalham nas fornalhas e outros embalam e colocam em caminhões para irem para os portos e serem vendidos para países como Alemanha e Rússia.

Concluimos, com as visitas e estudos sobre os indígenas do *Chaco* paraguaio, que os nativos dessa região estão passando por um processo acelerado de integração social com influências externas de todos os lados. Os jovens parecem ser o maior “influenciômetro” para medir a presença da cultura do “homem branco” no interior das comunidades, pois ao mesmo tempo em que mantêm características e valores passados de seus avós e pais, utilizam peças de vestuário comum a qualquer jovem metropolitano, como bonés de marcas americanas, calçados para jogar basquete, cabelos penteados como cantores pop internacionais ou cortados como de jogadores de futebol famosos no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMANAQUE Abril 2011. São Paulo: Abril, 2011. p. 559-560.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 190 p.
- BARTOMEU MELIÀ, S. J.. Lenguas indígenas en el Paraguay y políticas lingüísticas. **Currículo sem Fronteiras**, [S.l.], v. 10, n. 1, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/melia.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2011.
- BILAC, Olavo. **Fotójornalismo**. *Jornal Gazeta de Notícias*, São Paulo, 13/01/1901.
- BARRIOS, Hugo. **Comunidades indígenas querem terras dos ancestrais no Paraguai**. *Infosurhoy*, Assunção, 15 set. 2010. Disponível em: <<http://www.infosurhoy.com/cocoon/saii/xhtml/pt/features/saii/features/main/2010/09/15/feature-02>>. Acesso em 12 set. 2011.
- D'ANGELIS, Wilmar R.; VEIGA, Juracilda. O trabalho e a perspectiva das sociedades indígenas no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA, 2001, São

Paulo, SP. **O futuro do trabalho na sociedade brasileira**. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/trabalho_indigena.pdf>. Acesso em 8 set. 2011.

- EL CHACO. *Centro de mídia independente*, [S.l.], 25 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/08/289204.shtml>>. Acesso em: 12 set. 2011.

- GONÇALVES, Paulo Roberto. **O trabalho do índio na atualidade e sua problemática**. *JurisWay*, [S.l.], 3 ago. 2009. Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=1833>. Acesso em: 7 set. 2011.

- INDÍGENAS del Chaco Central Paraguayo. **Boletín Informativo de la ASCIM**, Filadelfia, [s/p], jun. 2009.

- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom; DUPONT, Wladir. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2004. 302 p.

- KUBRUSLY, Claudio Araújo. *O que é fotografia?*. São Paulo: Brasiliense, 2008. 109 p.

- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções da Trama Fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. 152 p.

- _____. _____. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê editorial, 2001. 110 p.

- LEITÃO, Rosani Lima. Estudantes indígenas em escolas de branco: expectativas e dificuldades. In: LIMA, Ricardo Barbosa de; OLIVEIRA, Dijaci David de; SANTOS, Sales Augusto dos; TOSTA, Tania Ludmila Dias (Org.). **50 anos depois: relações raciais e grupos socialmente segregados**. Brasília: Movimento Nacional de Direitos Humanos, 1999. p. 75-92.

- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000. 171 p.

- PARAGUAI. Constituição, 1992. Assunção, 1993. Disponível em: <<http://www.redparaguay.com/constitucion/articulos1a100.asp>>. Acesso em: 26 set. 2011.

- PACHECO, Raquel. **Homogeneização cultural faz o jovem perder a ligação com a sua cultura**. *Observatório do direito à comunicação*, [S.l.], 9 jun. 2010. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=6719>. Acesso em: 12 set. 2011.

- PUEBLOS indígenas del Paraguay. Filadélfia, [s.d]. Disponível em: <http://www.capi.org.py/pueblos_indigenas.html>. Acesso em: 12 set. 2011.

- RUIZ DIAZ, Natalia. **Ambientalistas querem urgente pausa ecológica para o “sonho chaquenho”**. Agência de notícias Inter Press Service, Assunção, 14 jun. 2010. Disponível em: < <http://www.ips.org/ipsbrasil.net/nota.php?idnews=5978>>. Acesso em 12 set. 2011.

- ROSSETTO, Luciana. **Para antropólogos, integração não faz índios perderem as tradições**. *GI*, São Paulo, 19 abr. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/04/para-antropologos-integracao-nao-faz-indios-perderem-tradicoes.html>>. Acesso em 12 set. 2011.

- SOBRINHO, Danilo Angrimani. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1994. 157 p.

- STAHL, Wilmar. **Indígenas del Chaco Central Paraguayo**: etnohistoria e identidad contemporánea. Chaco Central Paraguayo: Asociación de Servicios de Cooperación Indígena-Mennonita, 2005. 74 p.

- SILVA-GOMES, Antonio Almir. Sanapá: um povo indígena paraguaio. **R. Saúde Pública**, Campinas, v. 14, 2009. p. 360-385. Disponível em: <<http://www.cedae.iel.unicamp.br/revista/index.php/sinteses/article/viewFile/1234/918>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Porto, 2006. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2011.

- _____. _____. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. BOCC, Porto: 2002. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedrofotografismo.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2011.

- TÓFOLI, Luciene. **Ética no jornalismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. 143 p.

- TRAQUINA, Nelson. **O jornalismo português em análise de casos**. Editorial Caminho, 2001. 334 p.

- TORRACA, Mirta Mabel Escovar. **Imigração e colonização menonita no processo de legitimação do Chaco paraguaio (1921-1935)**. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2006. Disponível em:

<<http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-historia/dissertacoes/dissertacao-de-mirta-mabel-escobar-torraca/view>>. Acesso em: 30 ago. 2011.

- VIEIRA, Geraldo. **Complexo de Clark Kent: são super-homens os jornalistas?**. São Paulo: Summus, 1991. 156 p.

- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999. 255 p.

- SOUCHAUD, Sylvain; CARMO, Roberto Luiz do; FUSCO, Wilson. **Mobilidade Populacional e Migração no Mercosul: a fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai**. Belém, 2007. Disponível em: <http://hal.ird.fr/docs/00/22/15/02/PDF/23_Teoria_Pesquisa_2007.pdf>. Acesso em: 26 set. 2011

- MITRE, Antonio. **Ligações perigosas: estado e guerra na América Latina**. Plataforma democrática, [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes.aspx?IdRegistro=11677>>. Acesso em: 9 out. 2011.